

Funaro: o Brasil não se isola.

O isolamento não serve ao País nem aos credores

Os credores externos estão mesmo isolando o Brasil, como teria dito anteontem o presidente Sarney? Ou será que é o governo brasileiro que se está isolando da comunidade financeira internacional, como acusam críticos da política econômica? Nem uma coisa nem outra, disse ontem o ministro da Fazenda, Dílson Funaro. Para ele, não está havendo nem haverá isolamento algum, porque isso não interessa a nenhuma das partes.

"Seria muito perigoso os credores adotarem essa política", disse o ministro, "porque desencadearia uma série de retaliações dos dois lados. Seria um erro muito grande, e o Brasil não defende esse confronto. Assim como não aceitamos fazer parte de um cartel de devedores, também não queremos um cartel de credores".

Funaro disse que os comentários sobre esse possível isolamento não alteram a orientação do governo, que é a de insistir numa negociação com os credores sem sacrificar o crescimento econômico do País. Da mesma forma, ele desmentiu que esteja em estudo um "plano de emergência", como teria sido solicitado por Sarney anteontem. "Conversamos apenas sobre o programa de ajuste econômico que será apresentado aos credores até o final do mês", disse o ministro. "No plano interno, continuaremos combatendo a inflação no dia-a-dia, sem pacotes ou choques", garantiu.

Negociações

Mas nem todo mundo pensa dessa forma. O presidente da Confederação Nacional das Instituições Financeiras, Roberto Bornhausen, por exemplo, acha que faltam duas coisas na política econômica: uma postura "de maior consideração" para com os credores externos e principalmente um programa que recoloca o País em condições de negociar a dívida. "O mais importante no momento é apresentar um programa que gere a capacidade de repagamento de nossa dívida. Todas as forças sociais estariam dispostas a ajudar o governo nesse plano", disse Bornhausen ontem, durante almoço oferecido ao ex-senador americano Gary Hart, na Câmara Americana de Comércio.



Ele acha que o presidente Sarney "não está bem informado" sobre a situação externa do País. "Os bancos não estão tentando isolar o Brasil, mas o Brasil é que está se isolando dos bancos", disse o ex-presidente da Febraban. "O nosso tratamento em relação aos credores não é adequado para quem deseja uma negociação correta, séria e útil."

Essa é também a opinião do senador Roberto Campos (PDS-MT), ex-ministro do Planejamento no governo Castelo Branco, para quem o Brasil é que se isolou em termos de investimentos e financiamentos externos. "Isolou-se com a absurda xenofobia da Lei de Informática e pela briga com o FMI, que é considerado, pelos bancos credores, como o mais apropriado auditor da dívida externa."

O senador disse não saber qual teria sido a motivação da moratória, mas levantou duas possibilidades. "Pode ter sido com o objetivo de transformar a insolvência numa demonstração de machismo. No plano interno, a moratória fortalece o presidente Sarney junto a classe política, porque o Brasil tem um partido (o PMDB) que sempre considerou a declaração de falência como objetivo a ser atingido."

Jogo de Xadrez

Mas outro ex-ministro que já participou diretamente de negociações sobre a dívida no passado, o paranaense Karlos Rischbieter (que foi ministro da Fazenda no início do governo Figueiredo), acha que a postura do governo não só está correta como não há risco para a economia do País. "É um jogo de paciência, mistura de xadrez com truco", disse ele. "A hipótese de um confronto com os bancos credores deve ser descartada."

Rischbieter, que considera "corretíssima" a posição adotada pelo governo brasileiro, disse que o desfecho das negociações deverá ser "um acordo sem a interferência do FMI". Para ele, o presidente Sarney, ao advertir sobre a possibilidade de uma "verdadeira situação de confronto", deu um aviso aos credores, dentro da tática adotada pelo País para as negociações.